

MÚSICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSTRUINDO SIGNIFICADOS SOBRE A NATUREZA SULINA

Virgínia Tavares Vieira¹

RESUMO

O presente trabalho pretende problematizar a relevância da música como uma prática cultural que traduz nosso tempo, nossa maneira de entender e fabricar o mundo que vivemos, expressando um estado de ser em relação a Natureza e que nos ajuda a pensar sobre o desenvolvimento para a sustentabilidade. Dentro da temática Música, Cultura e Educação Ambiental, nosso objetivo é problematizar a importância da música pampeana – música tradicional do Estado do Rio Grande do Sul (RS), sul do Brasil – como uma prática cultural importante na construção de subjetividades. Este trabalho justifica-se por entendermos que a música pode contribuir com provocações ao pensamento, criando espaços de resistência as verdades tão solidamente fabricadas por nós em tempos contemporâneos.

Palavras-chaves: Música Pampeana. Educação Ambiental. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos, no século XXI, uma crise social e ambiental que diariamente nos provoca a pensar na qualidade de vida e no futuro da vida no planeta. Mauro Grün (2007) nos diz que a cultura, a predominância do homem sobre todas as coisas, a capacidade que este tem de interferir na natureza, bem como nos modos de ser e viver ser têm sido uma das principais causas de estarmos diante de uma chamada crise ambiental.

Neste trabalho queremos trazer a música como uma prática cultural que traduz nosso tempo, nossa maneira de entender e fabricar o mundo que vivemos, expressando um estado de ser em relação a Natureza e que nos ajuda a pensar sobre o desenvolvimento para a sustentabilidade. Dentro da temática Música, Cultura e Educação Ambiental, nosso objetivo é problematizar a

¹ Graduada em música. Mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande / FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia – GEECAF / FURG. E-mail: vi_violao@yahoo.com.br.

importância da música pampeana – música tradicional do Estado do Rio Grande do Sul (RS), sul do Brasil – como uma prática cultural importante na construção de subjetividades. Este trabalho justifica-se por entendermos que a música pode contribuir com provocações ao pensamento, criando espaços de resistência as verdades tão solidamente fabricadas por nós em tempos contemporâneos. A partir das canções analisadas, vemos emergir um tipo particular de naturalismo. Nostalgia, melancolia e romantismo são características evidentes nas canções e apontam para uma indissociabilidade entre homem e natureza. As letras analisadas evidenciam uma relação entre o sujeito gaúcho e a natureza que é não apenas de contemplação, mas de pertencimento. Assim, podemos dizer que a música – assim como outros artefatos da cultura – vem fortemente nos educando e nos ensinando sobre natureza e as diferentes formas de se relacionar com ela.

Em consonância com Guattari (2008), pensamos que não há uma única maneira de ver o mundo e de estabelecer relações com ele. Para que haja uma possibilidade de resposta à crise ambiental e a relação que estabelecemos com a natureza, é necessário colocarmos sob suspeita as verdades que nos fazem olhar para o mundo. Precisaremos reinventar novas formas de estabelecer relações enquanto seres sociais, ambientais e de subjetividade humana. Esta seria a articulação ético-política que Guattari (2008) denominou de “ecosofia” – as balizas que teremos de atravessar para compor novas ações dentre os três registros ecológicos.

2 O PAMPA GAÚCHO E A SUA CULTURA

A Pampa é um país com três bandeiras e um homem que mateia concentrado, seus olhos correm por sobre as fronteiras que o fazem tão unido e separado! A Pampa é um lugar que se transcende, fronteiras são impostas pelas guerras; "y el gaúcho", com certeza, não entende três nomes, três brasões pra mesma terra! O campo a se estender, imenso e plano, alarga o horizonte "mas allá"... Talvez seja por isso que o pampeano enxerga além... De onde está! Assim é o povo fronteiro, tropa, cavalo e tropeiro vão na mesma vez... Pátria e querência na estampa, somos um só nessa pampa, mas se contam três... Por que se contam três? Meu verso vem de Jaime e Aureliano, de Rillo e Retamozo - um céu azul! Sou Bento e Tiaraju, heróis pampeanos da forja desse Rio Grande do Sul! A voz vem de Cafrune e canta assim, a rima de Lugones, minha sina, e a fibra de Jose de San Martín; a História é quem me inscreve na Argentina! Meu canto vem de Osíris, voz antiga da Pampa que em meu sangue não se esvai... Comigo vem Rivera, vem Artigas... Legenda eu sou... No Uruguai! Rumos dessa Pampa Grande, viemos dos versos de Hernandez, somos céu e chão... Todo o pampeano, sem erro, tem muito de Martin Fierro pelo coração... Dentro do coração! (MARTINS, 2008).

Um campo a se estender imenso e plano onde céu e campo se encontram no horizonte – é desta paisagem que gostaríamos de falar. A região do Pampa, cenário de múltiplos processos históricos e culturais, herança dos diversos povos que habitaram essas regiões, até nossos contemporâneos, contribuíram significativamente para a construção da cultura pampeana. Para entendermos sua geografia, bem como tais procedimentos culturais, trazemos sucintamente algumas considerações desse campo imenso que foi cenário/palco de grandes artistas que, por meio da música, ao longo dos tempos, vêm narrando o Pampa.

Em uma pesquisa prévia, pudemos observar o quanto se faz presente na música pampeana peculiaridades que descrevem os hábitos e costumes dos sujeitos habitantes dessas terras, principalmente em sua relação com a natureza. Músicas estas que tem por características cantar as coisas de uma natureza naturalizada. Com isso, ressaltamos a importância de olharmos para a música como um instrumento que é capaz de produzir discursos e verdades diante desse entrelaçamento entre cultura e sociedade.

De acordo com Dos-Santos (2012, p. 51), *“o pampa é horizonte do viver e das relações socioculturais de diversos povos que ali se encontraram ao longo dos anos, desde os indígenas até os nossos contemporâneos”*. Para o autor, ela é *“peculiar e característica”*, pois carregamos a herança de nossas colonizações luso-espanhola, indígena, africana, alemã e italiana.

É com este intuito que o estudo se apresenta. Estabelecer um entrelaçamento entre música e cultura para problematizarmos: que ideal de natureza está posto nas letras colocadas em suspenso? Qual relação existente entre o homem e a paisagem natural sulina que compõe e delineiam o Pampa? Estes são alguns dos questionamentos que nos movem à escrita do texto. Entender que discurso de natureza está presente na música pampeana torna-se importante, pois através deste vamos dando sentido e significado às coisas e ao mundo, como nos diz Veiga-Neto (2007). As verdades fabricadas neste mundo vão nos subjetivando e nos fazendo estabelecer relações com o tempo em que vivemos. Apreendendo que os conceitos nada mais são que uma fabricação de nosso tempo histórico e cultural, nas palavras de Nietzsche, questionamos:

O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e ordenadas, e que, após uma longa utilização,

parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que ela assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas. Ainda não sabemos de onde provém o impulso à verdade: pois, até agora, ouvimos falar apenas da obrigação de ser veraz, que a sociedade, para existir, instituiu, isto é, as metáforas habituais; portanto, dito moralmente: da obrigação de mentir conforme uma convenção consolidada, mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório (NIETZSCHE, 2008, p. 36).

Sendo assim, entendemos que a verdade é produzida, fabricada a partir de discursos que fazemos circular como verdadeiro, ou seja, quando elegemos aquilo que deve ou não funcionar como verdade. Corroborando com estas colocações, Foucault, ao discorrer sobre a verdade, nos diz que:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (2011, p. 12, grifo do autor).

Na correnteza dos autores é que colocamos em suspenso ditos sobre a natureza do Pampa gaúcho que, através da cultura, vêm constituindo verdades sobre essas terras.

O Pampa, região de terras planas, conhecida também como região Platina, compreende os territórios do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Os campos do sul, outra forma de referir-se ao Pampa, abarca uma área de aproximadamente 700 mil km². Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, só o estado do Rio Grande do Sul ocupa uma área equivalente a 176 mil km². A região do Pampa é caracterizada por uma vegetação composta por plantas rasteiras, árvores, serras, morros e coxilhas. Outra característica dessa região são os banhados, como o Banhado do Taim localizado no sul do Rio Grande do Sul, bem como o Banhado de São Donato, este situado entre os municípios de Itaqui e Maçambará na fronteira com a Argentina, ambos reconhecidos como reservas ecológicas. A região pampeana é considerada rica por sua biodiversidade, com diversas espécies de plantas, gramíneas, leguminosas, além de aves e mamíferos. Outro aspecto importante que deve ser ressaltado é que no ano de 2004 o Pampa foi reconhecido como um

bioma brasileiro. Segundo dados do Núcleo Amigos da Terra (2007, p.12), o bioma Pampa possui apenas “17 áreas protegidas distribuídas por 6.494 hectares, e representativas de somente 3,6% da área total deste bioma”. A ampliação de lavouras e plantações de árvores como o eucalipto, pinos e acácia-negra, que foram substituindo as pastagens nativas, tornou-se uma forte preocupação e também uma ameaça aos campos do sul, devido à grande devastação de áreas nativas.

No que tange a questões culturais sobre o Pampa, Braun nos diz que,

Pampa é a planície sem fim que vai do Rio Grande do Sul aos contrafortes dos Andes na taiga da Cordilheira. É o campo imenso – a pradeira, dos centauros campesinos, rio-grandenses e platinos, titãs da raça campeira. Vem do Quíchua – e quer dizer, o campo aberto – a planura, o descampado – a lonjura, a várzea que se destampa. Nele a liberdade acampa e o civismo não estanca. Animal cabeça branca também é chamado de Pampa (1998, p. 254).

De origem indígena, o termo Pampa representa mais do que terras divididas geograficamente entre esses países. Esse amplo espaço de terras compartilha culturas, hábitos de vida e costumes que fazem parte da nossa história, tal como da cultura do gaúcho e desse povo *pampeano* que atravessam as fronteiras. Para Golin,

Pampa é também palavra simbólica, reproduzida até nossos dias pelos artistas e escritores. Utilizado na linguagem estética, a qual necessariamente não precisa restringir-se às regras científicas da geografia, o vocábulo *pampa*, em uma distorção do seu sentido original, geográfico e sociocultural, disseminou-se como a designação do “meio rural”, mais propriamente como o espaço real e imaginário da pecuária (2004, p. 14, grifos do autor).

A região do Pampa foi alvo de muitas disputas, principalmente entre portugueses e espanhóis, nações essas que lutavam pelo predomínio dessas terras e que foram definindo suas fronteiras principalmente após os Tratados de Madri (1750), Santo Ildefonso (1777) e Badajós (1811).

Inicialmente, essas terras eram habitadas por índios como os Charruas e Minuanos. Com a chegada dos Jesuítas espanhóis que atravessaram o rio Uruguai com o desígnio de catequizar os índios, muitas lutas se travaram. Até a chegada dos Jesuítas, os povos que habitavam esses campos viviam da caça, da pesca e também da agricultura, utilizando a técnica da coivara². Produtos como

²Segundo Baioto e Quevedo esta técnica consistia na limpeza do terreno para o plantio, através da derrubada da mata e

a mandioca, o milho, a batata doce, o fumo, o feijão e a erva-mate foram herdados dos índios Guarani. Segundo Baioto e Quevedo (1997), foram os Jesuítas de São Miguel, juntamente com os índios guaranis, que introduziram nos vastos campos das Missões as primeiras cabeças de gado, dando início às estâncias rio-grandenses, característica econômica do Pampa e que permanece até os dias atuais.

Nos excertos abaixo, apresentamos enunciações recorrentes em muitas canções pampeanas ao descreverem a natureza do Pampa.

Sou grito do quero-quero / No alto de uma coxilha / Sou herança das batalhas / Da epopéia farroupilha / Sou rangido de carreta / Atravessando picadas / Sou o próprio carreteiro / Era boi, era boiada [...] **Sou a cor verde do pampa / Nas manhãs de primavera / Sou cacimba de água pura / Nos fundos de uma tapera / Sou lua, sou céu, sou terra / Sou planta que alguém plantou / Sou a própria natureza / Que o patrão velho criou / Era era boi Brasino / Era era boi Pitanga / Boi Fumaça, Jaguaré / Olha a canga [...]** (SILVA, 1981, grifos nossos).

Guardiãs de pátria, memorial dos ancestrais / Onde trevais nascem junto ao pasto verde / Sangas correndo, açudes e mananciais / Pra o ano inteiro gaderio matar a sede / Grotas canhadas e o poncho do macegal / Para o rebanho se abrigar nas invernias / Varzedo³ grande pra o retoço⁴ da potrada / Mostrar o viço e o valor das sesmarias / Sombras fechadas de imponentes paraísos / Onde resojam pingos de lombo lavado / Que após a lida até parecem esculturas / Moldando a frente do galpão, templo sagrado / Pras madrugadas, mate gordo bem cevado / Canto de galo que acordou pedindo vasa / Cheiro de flores, açucena, maçanilha / E um costilhar de novilha pingando graxa nas brasas / Pra os queixos crus, os bocais dos domadores / Freios de mola pra escramuçar bem domados / E pra os turunos resabiados de porteira / O doze braços, mangueirão dos descampados / Pra os chuveiros galopados de minuano / Um campomar castelhano e o aba larga desabado / Pra o sol a pino dos mormaços de janeiro / Um palita avestruzeiro e o bilontra bem tapeado / Pras nazarenas, garrão forte e égua aporreada / Pras paleteadas o sepilhado de coxilha / Pra o progresso do Rio Grande estas estâncias / Mescla palácio com mangrullo farroupilha (VIEIRA, 1999, grifos nossos).

Eram arroios, eram matos e enchentes / Era alambrado, "sete fios", divisa e linha / Um casarão de portas grandes para o leste / E uma história de ancestrais que era minha. / Era a cuscada retoçando frente às casas / E um palanque pra potrada se amansar / Era uma várzea a se perder compondo a vista / Aonde tropas vicejavam pra engordar. / Eram esporas, era um mango e um chapéu / Um lenço rubro uma guaiaca e um par de botas, / Uma bombacha já puída dos invernos / E tantas coisas que por simples nem se notam. / Eram irmãos na cevadura de uns amargos / Num jeito bueno pela prosa de galpão / **Era rebanho, era gado e a cavahada, / Pela invernada que hoje é terra em plantação.** / Eram

queima dos galhos (1997, p. 7).

³Segundo o dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, varzedo é o mesmo que vargado, ou seja, várzea longa, planície campestre.

⁴Segundo o dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul, retoço é o mesmo que retouçar, ou seja, faceirar, namorar, brincar, retocar.

gaúchos bem montados indo embora levando o verde e nos seus olhos banhada! Foi a incerteza "de a cabresto" em trajetória / E a minha história que eu não sei qual o final./ Era um tempo que se foi pela ansiedade / Deixando o campo assim perder a sua essência / Ficaram sonhos de um gaúcho já sem viço / Por saber que tudo isso aconteceu na minha querência! (ROGÉRIO MÉLO, ISSO ACONTECEU NA MINHA QUERÊNCIA, grifos nossos).

As letras apresentadas nos salientam elementos muito comuns ao homem do campo e que contribuem para a constituição da paisagem natural dessas terras. A primeira canção “Me comparando ao Rio Grande” nos fala do quero-quero, da boiada, das coxilhas, do “rangido das carretas e a cor verde do pampa”. Ditos assim vão descrevendo a natureza pampeana – o verde dos campos, a primavera, a terra e o céu azul vão constituindo a natureza, esta muitas vezes apenas associada ao que é “verde”, “natural”. Além de discorrer sobre a natureza, as enunciações nos evidenciam um sujeito que se sente pertencente a esta paisagem natural, ou como diz a letra: o homem é o verde do pampa, é a terra, é a lua, é a água: é a própria natureza!

Muitas canções pampeanas têm a peculiaridade de retratar temas como estes em suas letras. O amor a terra, a imensidão dos campos, o verde a se estender imenso e plano em contraste com o azul do céu, os rios, os animais como o cavalo, o gado e o cachorro vão constituindo o cenário natural e cultural da região da campanha no sul do Brasil.

No segundo excerto, na música “Estância da Fronteira” pontuamos enunciações de uma natureza bela e de amor a terra. Como podemos observar, a letra faz referência a elementos ditos naturais da natureza como os rios, as sangas, os açudes, o vento, o campo, as flores, o verde, as coxilhas, o calor, o frio e a geada. São enunciações como essas que nos constituem e, ao mesmo tempo, nos fazem ler a natureza de uma forma naturalizada na e pela cultura.

Já a terceira canção fala de um Pampa que vem perdendo a sua essência de campos nativos, das invernadas para as plantações. Desta maneira, a relação que se estabelece entre a paisagem dos campos com o gaúcho fica na memória desses sujeitos. Diante de tais modificações, o gaúcho vai perdendo seu espaço no campo, na lida com os animais. A letra discorre sobre os elementos e as relações que se estabeleciam entre o campo e o homem. Ou seja, eram os campos, os arroios, os matos, os alambrados, a várzea grande a se perder de vista. É ainda a história dos ancestrais

guardada nos casarões, ficando apenas uma saudosa lembrança de “como era e o que aconteceu” na sua terra.

Assim sendo, entendemos que as enunciações salientadas por nós neste estudo nos dão subsídios para pensarmos na fabricação de um discurso de natureza através da música. Pois como nos diz a letra: pasto verde, sangas e açudes, um “*campomar*” para garantir o bem estar do gado; “grotas canhadas e o macegal” abrigam os animais no inverno gelado do Pampa; “varzedo grande, sombras fechadas”; enfim – um imponente paraíso, o templo sagrado do gaúcho, onde “os chuisqueiros galopados de minuano” fazem parte da vida campeira nas estâncias que tanto orgulham este homem farroupilha.

Enunciações como essas vão descrevendo a paisagem natural do Pampa como uma aquarela que representa uma natureza bela e romântica que se instaurou em nossa história através da cultura. Ou seja, esta naturalização da natureza tão enaltecida na música colocada em suspenso nos faz reconhecer na pampa uma natureza romântica como aquela retratada na literatura do século XIX. Já o homem aparece como um sujeito valente, heroico, bravo, viril, como aquele também representado na literatura e na historiografia regional. Um homem do campo, acostumado na lida com os animais, domador de cavalo, amigo e muitas vezes resistente às forças da natureza. Segundo Oliven (1992), são enunciações como essas que fabricaram e ainda vêm fabricando a figura do gaúcho marcado pela vida nos descampados do Pampa. Ainda, para o autor, a natureza ganha um fator de destaque na composição da “[...] *figura do gaúcho, homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo tendo como interlocutor privilegiado a natureza como ela se descortina nas vastas planícies dessa área pastoril do estado*” (OLIVEN, Idem, p. 69).

A música pampeana tem uma importância significativa na e para a cultura tradicionalista gaúcha. Por meio desta, muitas disputas se travam em torno da construção e fabricação dos sujeitos que habitam essas terras. Os modos de ser e viver (tantas vezes pautados no homem da campanha, tendo como cenário o campo) vão constituindo um discurso de natureza. Assim, nas palavras de Luís Agostinho Agostini,

[...] A música tradicionalista atualiza o mito, à medida que os festivais e outras manifestações musicais se sucedem, ano após ano. Através da apropriação de imagens simbólicas já cristalizadas no imaginário social, percebe-se que a música tradicionalista

ajuda a ordenar a sociedade sul-rio-grandense, imprimindo regras e valores essenciais à identidade que o gaúcho ostenta e da qual parece não querer se desfazer (2005, p. 67).

A proposta de colocar em suspenso as enunciações de natureza descritas em tantas letras de músicas pampeana se dá no intuito de problematizarmos a forma como vem sendo narrada a paisagem natural e cultural do pampa. Apreendemos a música como um instrumento potente na produção de modos de ler e ver a natureza. Além disso, tal artefato cultural em seu significado próprio comunica sentidos que, de alguma maneira, constroem subjetividades humanas.

3 OLHARES SOBRE A NATUREZA

É um manancial de alegria / A inspiração que extravasa / Quando a gente dá “ô de casa” / Pra escutar um “Buenos dias” / Cincerros de melodias / Depois tudo se entrevera / Num soluço de beleza / Pra saudar a natureza / Vestida de Primavera / É o quadro vivo mais lindo / Que enternecido contemplo [...] O lindo capim mimoso / Prossegue o rodízio eterno / De se queimar no inverno / Pra renascer mais viçoso no ciclo maravilhoso / Da tábua das estações / [...] Na melodia campeira / Que se faz cancha no espaço / Como marcando o compasso / Junto ao sabiá-laranjeira / Há tanta autenticidade / Nas vozes da natureza / Que resumem a beleza / Da própria simplicidade / [...] O bordoneio da sanga / Mas não só nos descampados / A Primavera incendeia / Ela se enfeita e passeia / Nas vilas e nos povoados / Nos ambientes asfaltados / Cidades e capitais / Pombas, bem-te-vis, pardais em melodiosos arrulhos / Repetem doces barulhos / De tempos imemoriais / O domínio absoluto / Que tem da gente e do mundo / E o homem defronte a isso / Até parece impossível / Vai se tornando insensível / Por força de algum feitiço / É um criminoso, um omissor / Da forma mais inconsciente / **Gente que já não é gente** buscando outra trajetória / Depois da triste vitória / De matar o meio ambiente[...] (BRAUN, 1994, grifo nosso).

O trecho da música referenciado acima – e outros tantos já trazidos neste texto – nos apresenta uma visão naturalista e romântica de natureza, *mas que já não mais pertence a este tempo*. Na canção acima, o autor enaltece a paisagem natural do pampa ao discorrer sobre a natureza que ele contempla. É um manancial de alegria, é beleza, é simplicidade. Assim como nas outras enunciações colocadas em suspenso, esta canção destaca elementos naturais que constituem a natureza pampeana como os sabiás, as sangas e os capins. Porém, ao referir-se ao homem, o autor nos mostra uma visão antropocêntrica, onde o mesmo aparece como o principal destruidor desse espaço natural. Parece existir um paradoxo nas enunciações apresentadas. Nas

primeiras letras colocadas em suspenso, existe uma relação entre o sujeito gaúcho e a natureza que é não apenas de contemplação, mas de pertencimento, diferentemente da letra acima. Aqui parece haver uma pista que buscaremos investigar na continuidade da pesquisa.

Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Mas não foi sempre assim! Segundo Guimarães, “há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza” (2008, p. 88). Para o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Se adentrarmos a história do mundo ocidental, veremos as diferentes formas pelas quais a natureza vem sendo contada e significada na cultura, desde as grandes navegações dos séculos XV e XVI: ora uma natureza paradisíaca, exuberante; ora uma natureza selvagem, temida. Foi com o projeto civilizatório, em contraposição ao protótipo medieval, que a natureza passou a ser vista como o período das trevas, do inculto. Os ambientes considerados como “naturais”, ou seja, matas, florestas e montanhas, não condiziam com a ideia de progresso que inaugurava a virada cultural da modernidade. Porém, no século XVIII, com o fenômeno denominado de *novas sensibilidades*, é que a natureza passou a ser vista como boa e bela, quando as paisagens naturais passaram a ser valorizadas e apreciadas pelo homem. Esse apreço à natureza, marcado pela valorização da paisagem natural, nos faz perceber tal espaço como algo “sagrado”, ou seja, que deve estar fora do domínio do homem. Nas palavras de Soares:

O final do século XVIII marca, de um modo mais acentuado, uma mudança de sensibilidade no que concerne à natureza. O domínio absoluto e violento do homem sobre o mundo natural lentamente cede espaço para outras compreensões e atitudes e uma nova devoção semi-religiosa perante a natureza selvagem. Instala-se, sobretudo, entre aqueles que não dependem ou não necessitam da terra para prover suas necessidades mais imediatas. Firma-se uma compreensão na qual a natureza é bela, mas, sobretudo, benéfica, e exerce um saudável poder espiritual sobre o homem (SOARES, 2003, p. 21).

Podemos dizer, também, que esse culto à natureza foi ainda mais realçado com o aparecimento do movimento romântico nos séculos XVIII e XIX, que buscava ilustrar o lirismo e o sonho de um cenário devastado pela Revolução Industrial. Diante disso, podemos evidenciar o quanto o ideal que temos de natureza é construído culturalmente. Na mesma correnteza, Carvalho

(2008) ressalta que a forma de existir e conviver no mundo contemporâneo, além da relação que tecemos com a natureza, perpassa pelo entendimento de uma história de longa duração das relações com a paisagem natural. No século XVIII, por exemplo, em outro momento histórico, político, social e cultural, a sociedade da época presenciou a chegada da primeira Revolução Industrial e, diante disso, uma grande mudança em seu ambiente natural trazida pelo desenvolvimento.

No final do século XVIII, a Grã-Bretanha liderava a produção de carvão, alcançando cerca de 10 milhões de toneladas, o equivalente a 90% da produção mundial. O uso crescente do carvão – principal combustível da Revolução Industrial – para fins comerciais e domésticos gerava enorme quantidade de resíduos. O *smog* inglês (mistura de nevoeiro e fumaça) tornou-se a marca registrada das grandes transformações sociais e ambientais desencadeadas pelo modo de produção industrial (CARVALHO, 2011, p. 98, grifo da autora).

A experiência vivida naquele período contribuiu significativamente à época e para uma mudança na forma de olhar para natureza. Esta era vista como o “*domínio do selvagem*”, como “*esteticamente desagradável*”. De acordo com essa concepção, o homem deveria dominá-la. No entanto, com a mudança devido às novas sensibilidades ante a paisagem natural, a natureza passou a ser percebida como uma paisagem natural que necessitaria ser intocada. Podemos dizer que o momento social, político, cultural e ambiental vivido no século XVIII, na Inglaterra, pode ter sido uma das condições de possibilidade para a emergência de uma visão naturalista e romântica de natureza, a qual, para Carvalho (2011, p. 97), “*permanece presente até nossos dias*”. Ainda para a autora, essa representação que temos de natureza se apresenta como uma imagem singular ao mundo natural, não havendo neste sentido, uma interação entre homem e cultura. Nas palavras de Carvalho, a visão naturalista,

[...] baseia-se principalmente na percepção da natureza como fenômeno estritamente biológico, autônomo, alimentando a ideia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano. A “*natureza do naturalismo*” é aquilo que deveria permanecer fora do alcance do ser humano. Tal visão tem expressão, por exemplo, nas orientações conservacionistas, que se dedicam a proteger a natureza das interferências humanas, entendidas sempre como ameaçadoras à integridade daquela (2011, p. 37, grifos da autora).

Então, isso nos faz pensar que uma das grandes tensões dos problemas ambientais

vivenciados pela humanidade neste século XXI estaria articulada a essas visões reducionistas que temos de natureza. Problematizar a importância de uma interação entre cultura e natureza perpassa pelo entendimento de que questões como essas estão atreladas ao contexto histórico e cultural de nossa sociedade. Ou seja, *“trata-se de reconhecer que, para apreender a problemática ambiental, é necessária uma visão complexa de meio ambiente, em que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também sociais e culturais”*, como nos orienta Carvalho (2011, p. 38). Ainda assim, salientamos a importância de voltarmos nosso olhar para a natureza, pois esta é *“cada vez é mais filmada, fotografada, descrita e falada em todos os lugares”* e, desta forma, vamos sendo ensinados a olhar, ver e falar sobre a natureza (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2012, p. 126).

A música pampeana se apresenta como um espaço importante para discorrermos sobre a constituição de um discurso de natureza, pois, como vimos mostrando, muitas canções colocam em evidência elementos que nos remetem a uma natureza bela e romântica, e que “embelezam” o pampa gaúcho. Seguindo nessa correnteza, evidenciamos a importância da cultura na fabricação de discursos e verdades que nos constituem e nos fazem ver e falar do mundo de determinadas formas. Somos ensinados por meio da cultura a perceber um mundo e se expressar nele. Nas palavras de Oliveira e Araújo (2012, p. 127) ressaltamos que é importante, *“[...] mapear essas novas linguagens disponibilizadas para falar da natureza, dos e para os seus sujeitos”*. O ideal que temos de natureza e que é reverberado pela mídia, por meio de diferentes artefatos culturais, vai nos subjetivando e nos orientando a determinadas formas de ser e estar no mundo. Ainda, para o autor,

Modos de perceber, ver, ouvir, ler e aprender, modos de expressão, de textualidade e de escritura, que recortam as possibilidades do espaço e do tempo, determinando formas de vida em dissonância ou em reunião com outras formas de cultura. A escrita da natureza, em nossos tempos atuais, só pode ser compreendida como registro de luminosidade daquilo que é mais dito sobre ela, e tem tornado visível (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2012, p. 127).

Pensando a atualidade, gostaríamos de problematizar a visão que hoje temos de natureza, principalmente no que se refere à região pampeana, alocada especificamente no Rio Grande do Sul. Quais as questões sociais, econômicas, ambientais e culturais se entrelaçam na construção de tais enunciações? Podemos dizer que na música pampeana encontraremos enunciações que nos

remeterão a uma separação entre mundo natural e mundo humano? Em algumas letras parece que sim; em outras parece que não.

Na região do Pampa, Fante (2012) ressalta que as grandes extensões de monocultura na região pampeana vêm trazendo grandes prejuízos aos trabalhadores rurais no que diz respeito às questões de desemprego e danos à saúde provocados pelo uso de agrotóxicos. Além disso, a substituição de campos nativos por extensas plantações de árvores, como o eucalipto, vem acarretando também nas mudanças relativas a questões culturais em decorrência das modificações das paisagens naturais.

Diante das problemáticas sociais, políticas, culturais e ambientais pelas quais estamos sendo atravessados, torna-se importante problematizarmos questões como estas tão vigentes na atualidade e que, muitas vezes, são dadas como conhecidas, desbravadas e dominadas por nós. Que verdades nos atravessam e nos fazem olhar para o mundo de determinadas formas?

Entendemos que a música é um importante artefato cultural que vem fabricando saberes e verdades de uma cultura na qual esses sujeitos do Pampa estão inseridos. Como nos diz Teixeira (1978) na música *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor*, “[...] *Fazer versos cantando as belezas desta natureza sem par / E mostrar para quem quiser ver, um lugar pra viver sem chorar [...] este é o Pampa, este é o meu Rio Grande do Sul*”. São narrativas como essas e tantas outras que descrevem o Pampa. “Coxilhas, pés roseteados de campos, terra e cor, enfim, uma natureza sem par”! É colocando em suspenso essas verdades, descritas em letras de música, que ao longo da história vêm nos ensinando o que é o Pampa e como se dá a relação desses sujeitos com as paisagens naturais, que esta pesquisa vem sendo tramada. O exemplo referenciado acima nos reporta a ideia de que a natureza no Rio Grande do Sul se apresenta promissora ao cultivo. Além de bela, aqui no Pampa gaúcho tudo que se planta cresce. Diante disso, questionamos: há uma única forma de olharmos para o mundo, para o meio que vivemos e para a natureza?

Ao discorrer sobre a importância da cultura e as multiplicidades de vermos, narrarmos e relacionarmos-nos com a natureza, Guimarães ressalta que,

[...] é na cultura, nesse espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que

vamos aprendendo a lidar com a natureza e, também, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo, ou seja, sabendo quem nos tornamos dia a dia. Essa nossa inserção na cultura, no momento histórico em que vivemos, nos faz ver e estabelecer relações com a natureza de determinadas formas. Nesta direção, podemos nos perguntar: há uma única maneira de narrar, ler e ver a natureza? (2008, p. 88).

Ao colocar em circulação enunciações referentes à natureza, à forma como nos relacionamos com o mundo natural e à ação do homem no planeta, entendemos que artefatos culturais como a música vão nos constituindo e determinando nossas ações cotidianas. Então, apresentamos abaixo a forma como muitas vezes tal estilo musical vem narrando o Pampa e, assim, fabricando verdades referentes a esta região.

Um medo de andar solito, ouvindo vozes e gritos / E até do barco um apito na sua imaginação/Olhos esbugalhados do moleque assustado, olhando aquele mar bravo / Ora doce, ora salgado, num temporal de verão/Sem camisa na beirada bombachita arremangada / Botou petiço na estrada quando a areia lhe guasqueou/ Sentiu um arrepio com aquele ar frio que o açude e rio / E as águas que ele viu não lhe provocou/**Coqueiro e figueira dos matos e a bela Lagoa dos Patos ó verdadeiro tesouro / Lago verde e azul que na América do Sul / Deus botou pra bebedouro / Tempos que ainda tinham o bailado da tainha / Quando o boto vinha com gaviota em revoada / E entre outros animais no meio dos juncais / Surgiam patos baguais e hoje não se vê mais este símbolo da aguada /** Nas noites de lua cheia, a gente sentava na areia/Para ver se ouvia a sereia entre as ondas cantando/E hoje eu volto ali, no lugar em que eu vivi/Onde nasci quando guri me olho lagoa em ti e me enxergo chorando (FREITAS, 1998, grifos nossos).

Mas que pampa é este que eu recebo agora/ Com a missão de cultivar raízes/ Se dessa pampa que me fala a história/ Não me deixaram nem sequer matizes? Passam às mãos da minha geração/ Heranças feitas de fortunas rotas/ Campos desertos que não geram pão/ Onde a ganância anda de rédeas soltas/ [...] Herdei um campo onde o patrão é rei/ Tendo poderes sobre o pão e as águas/ Onde esquecido vive o peão sem leis/ De pés descalços cabrestando mágoas/ O que hoje herdo da minha grei xirua/ É um desafio que a minha idade afronta/ Pois me deixaram com a guaiaca nua/ Para pagar uma porção de contas/ Se for preciso, volto a ser caudilho/ Por essa pampa que ficou pra trás/ Porque não quero deixar pro meu filho/ A pampa pobre que herdei de meu pai [...] (DARDE; FRONTEIRA, 1990).

A primeira canção nos traz enunciações de uma natureza bela, destacando principalmente a Lagoa dos Patos, o “lago verde e azul”, como um dos grandes tesouros da América do Sul que ainda embeleza nossas terras, mas que não é mais cenário do “bailado das tainhas” e de outros tantos animais. Mais uma vez são enunciações que nos evidenciam um sujeito que admira, que contempla a beleza de uma natureza que “Deus” aqui colocou. Já a segunda música expõe um Pampa que vem

sofrendo modificações, um Pampa considerado “rico”, onde os campos “feitos de fortunas rotas”, hoje desertos já não geram mais pão. No entanto, por esta terra, o gaúcho volta a ser um guerreiro, um caudilho! Dessa forma, vale provocar, suscitar, problematizar enunciações como essas que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos deste tempo.

São ditos como esses que circulam em artefatos culturais como a música, por meio da mídia e, desta forma, vem fortemente fabricando verdades. E assim, diante de tais enunciações tidas como verdadeiras em nossa sociedade, constituindo e fabricando modos de ser neste mundo, entendemos que esses artefatos culturais colocam em funcionamento uma operação de poder.

[...] numa sociedade como a nossa [...] múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade (FOUCAULT, 2010, p. 22).

Diante disso, se torna importante questionar: de que forma somos interpelados por esses discursos ditos como verdadeiros que nos capturam e nos constituem enquanto sujeitos?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas perspectivas com este estudo é que por meio da música pudéssemos suscitar o pensamento, provocando novas discussões acerca de questões pouco problematizadas por nós. Ou seja, precisamos levar em consideração as diferentes possibilidades de leituras da natureza que vêm sendo fabricadas por meio da cultura. Como salienta Guimarães, “*que possamos nos instaurar nas fissuras da Educação Ambiental, pensando políticas que possam nos remeter a construção de coletivos de natureza e culturas não permeados*” (2008, p. 99). Talvez Foucault nos ajude a entender essas fabricações de verdades que vão constituindo modos de ser, viver e se relacionar no mundo. Por isso, olhamos para a música como artefato cultural potente a nos fazer pensar os modos de relação que o gaúcho estabelece com a paisagem natural sulina, entendendo que as discussões em torno das leituras de natureza atravessam as fronteiras de conceitos já estabelecidos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Luís Agostini. *O Pampa na cidade: o imaginário social na música popular gaúcha*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Caxias do Sul. Programa de Mestrado em Letras e cultura Regional, Caxias do Sul, RS, 2005.
- BAIOTO, Rafael e QUEVEDO, Julio. *São Miguel das Missões*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- BRAUN, Jayme Caetano. *Pátrias – fogões – lendas – Vocabulário Pampeano*. Porto Alegre: Edigal, 1998.
- CARVALHO, Isabel. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- DOS-SANTOS, José Daniel Telles. *Lúcio Yanel e o Violão Pampeano: memória(s), história(s) e identidade(s) de um fazer musical no sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, 2012.
- FANTE, Eliege Maria. *As representações sociais sobre o bioma pampa no Jornalismo de referência sul-rio-grandense*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.
- Grün, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Ed. Papirus: Campinas, SP, 2007.
- Guattari, Félix. *As Três Ecologias*. Ed: Papirus: Campinas, SP, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- _____. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOLIN, Tau. *O povo do pampa*. Passo Fundo, RS: Ed: UPF, 2004.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *A importância da história e da cultura*. Inter-Ação: Ver. Fac. Educ. UFG, v.33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.
- OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira e ARAUJO, Rodrigo Michell dos Santos. *Império da Natureza, nomadismo ambiental: pedagogias culturais nas fotografias da revista National Geographic Brasil*. *Pesquisa Em Educação Ambiental*, v.7, n.1, p. 123-137, 2012.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PANITZ, Lucas Manassi. *Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, 2010.

SOARES, Carmen Lúcia. *Georges Hébert e o método natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo*. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-39, set. 2003.

SCHNADELBACH, Carla villanova. *O pampa em disputa. A biodiversidade ameaçada pela expansão das monoculturas de árvores* 2010. Disponível em: WWW.natbrasil.org.br. Acesso em 15 de outubro, 2012, 16h30min.